

## Preface

A boy with big eyes and a winning smile once lived in Leblon, overlooking the sea, in the same building as Lucio Costa. The boy plunged into the green waters of the sea, and into many of the books in his father's oceanic library of twenty thousand volumes. His father, Almir de Andrade, was an illustrious man: a thinker, writer, professor of psychology and lawyer. And to round it all off, he played the piano as well. His mother, whose gentleness and kindness were to last a hundred years, bequeathed him her large eyes and her dancer's soul. From his father he inherited, not only the love of books, but the pleasure of playing the piano, which he studied from an early age with the great master Guilherme Fontainha. And it was in the old school in the Botafogo district of Rio where Fontainha gave lessons that I met Alécio. We soon became friends, virtually brother and sister. Alécio was slightly younger than me, and he too loved languages and poetry. By the time he was a teenager, he knew Alfred de Vigny, Verlaine and Baudelaire by heart. He was well versed in English poetry too, which he recited with a British accent. He delved deeply into Fernando Pessoa but identified first and foremost with his tormented alias, Álvaro de Campos, whose poem "Tobacco Shop" we delighted in reciting together. As a young man Alécio wanted to be a pianist, but he also studied law and published poetry. His poems won awards, one of which he received from the hands of Paulo Mendes Campos and another from Cecília Meireles and Vinicius de Moraes. The moment he discovered photography, however, he surrendered to it heart and soul and gave it the best he had in him.

Alécio Francisco Bomfim de Andrade had many gifts, among them a flair for making friends and a rare ability to interact on equal terms with the most interesting and expressive poets, intellectuals and writers of his time. Some were friends of his father's, such as the publisher Roberto Alvim Corrêa, or Marques Rebelo, the most "carioca" of twentieth-century Brazilian novelists, who treated him with fatherly affection and deep admiration. Marques's son, the now celebrated painter José Maria Dias da Cruz, was a companion of Alécio's youth, while his second wife, Elza Proença, was a loyal and devoted friend.

Of all the correspondents represented in this book, the closest to Alécio in age is Ismael Cardim, who wrote him long, highly personal letters. The wittiest, as always, is Marco Aurélio Matos, a passionate booklover and amateur pianist, and a member, in his own way, of the group of writers from Minas Gerais. Fernando Sabino, Otto Lara Resende and Antonio Bulhões were close friends and brothers in arms, notably Bulhões, who gave Alécio support and encouragement from near and far. And then there's Carlos Drummond de Andrade, who expresses himself here with heartfelt affection. He wrote several pieces about the young Alécio's photographs and hailed his first exhibition, on the topic of childhood, with an exquisite poem.

It is clear that, throughout Alécio's 39 years in France, they all saw him as «our man in Paris». For it was there that the boy with the big eyes and the winning smile was to earn widespread fame as a great and original artist: our own photographer-poet.

*Rachel Gutiérrez*

Translation from the Portuguese(Brazilian) by Jacqueline Hall

## Prefácio

Um menino de olhos grandes e sorriso sedutor morava no Leblon, em frente ao mar, no mesmo prédio em que vivia Lucio Costa. O menino mergulhava nas águas verdes daquele mar, mas também em muitos livros dos mais de 20 mil volumes da oceânica biblioteca de seu pai; Almir de Andrade, homem ilustre: pensador, escritor, professor de psicologia e advogado, e, para coroar tudo isso, ainda tocava piano. A mãe, de quem o menino herdou os grandes olhos e a alma dançarina, iria viver 100 anos de doçura e bondade. Do pai herdou, além do amor pelos livros, o prazer de tocar piano, que desde cedo estudou com o grande mestre Guilherme Fontainha. E foi num velho colégio em Botafogo, onde Fontainha dava aulas, que o conheci. Ficamos logo amigos, quase irmãos. Pouco mais moço do que eu, Alécio também amava as línguas, a poesia, e ainda adolescente sabia de cor Alfred de Vigny, Verlaine, Baudelaire. E a poesia inglesa, que recitava com britânica pronúncia, também lhe era familiar. Leu muito Fernando Pessoa e se identificava principalmente com Álvaro de Campos, o angustiado heterônimo de quem gostávamos de dizer, juntos, a “Tabacaria”. Mas o jovem que queria ser pianista, que estudou direito e publicou poemas, tendo recebido um prêmio das mãos de Paulo Mendes Campos, e um outro, das de Cecília Meireles e de Vinicius de Moraes, depois que descobriu a fotografia, rendeu-se totalmente a essa arte, e a ela consagrou o melhor de si.

Entre seus múltiplos dons, Alécio Francisco Bomfim de Andrade possuía o de fazer amigos e o de, como ninguém, sentir-se *inter pares* com os mais interessantes e expressivos poetas, intelectuais e escritores de seu tempo, entre eles alguns amigos de seu pai, como o editor Roberto Alvim Corrêa e Marques Rebelo, o mais carioca dos nossos romancistas do século XX, que o tratava com paternal ternura e profunda admiração. O filho de Marques, o hoje consagrado pintor José Maria Dias da Cruz, conta-se entre seus companheiros de juventude, e Elza Proença, a segunda mulher do escritor, foi igualmente uma amiga constante e carinhosa.

Dos correspondentes que encontramos neste livro, o mais próximo da sua geração era Ismael Cardim, o das cartas longas e confidenciais. Marco Aurélio Matos, que à sua maneira pertencia ao “grupo dos mineiros”, bibliófilo apaixonado e pianista amador, era, como sempre, o mais engraçado. Fernando Sabino, Otto Lara Resende e Antonio Bulhões foram íntimos e fraternalmente cúmplices, principalmente Bulhões, que, longe ou perto, lhe deu apoio e o estimulou. E Carlos Drummond de Andrade, que aqui aparece tão afetuoso, cordial, e que escreveu mais de uma vez sobre a arte do jovem fotógrafo, saudou com um belíssimo poema sua primeira exposição sobre o tema da infância.

Para todos eles, tudo indica que Alécio foi, durante os 39 anos que viveu na França, o “nosso homem em Paris”. Lá, o menino dos olhos grandes e do sorriso sedutor iria se transformar no grande e original artista conhecido em muitos países, o nosso poeta da fotografia.

*Rachel Gutiérrez*